

ABTO se Prepara Para Promover o Maior Evento da Área da América Latina

Entrevista com a Dra. Maria Cristina Ribeiro de Castro*

Por Cynthia de Oliveira Araujo



* Professora Colaboradora e Doutora em Nefrologia pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Presidente da Associação Brasileira de Transplante de Órgãos (ABTO).

Brasil ocupa o segundo lugar em número absoluto de transplantes e tem o maior programa público de transplantes no mundo, mas ainda enfrenta problemas como a falta de incentivo a doações, falta de doadores e de logística na captação e transporte dos órgãos. Para ajudar a reverter esse quadro, a Associação Brasileira de Transplante de Órgãos (ABTO) vem há 20 anos capacitando profissionais e oferecendo constantemente ao Ministério da Saúde seu auxílio na sugestão e elaboração de medidas efetivas na área.

No início de setembro, a cidade de Florianópolis, SC, será cenário de um dos mais importantes eventos da área da América Latina. O X Congresso Brasileiro de Transplantes acontece concomitantemente a outros dois importantes Congressos de Transplantes, dois Encontros e um Fórum e reunirá em um só evento os principais transplantadores do país e da América Latina, além de convidados ilustres da Europa e dos EUA. O Congresso acontece trazendo inúmeras novidades na sua organização e na programação científica, abordando os principais avanços e desafios da área e estimulando a produção científica nacional através de vários Prêmios e Bolsas de Estudos aos congressistas.

Para abordar esse assunto, a nefrologista e presidente da ABTO, Dra. Maria Cristina Ribeiro de Castro, conta em entrevista exclusiva à revista **Prática Hospitalar** os preparativos finais para a realização do evento e as conquistas e dificuldades enfrentadas pelos especialistas nos últimos anos.

Prática Hospitalar - Qual a importância de um Congresso como esse ser promovido por duas entidades como a ABTO e as Sociedades de Transplantes de América Latina y el Caribe (STALYC)?

Dra. Cristina Maria Cristina Ribeiro de Castro - A realização do Congresso de Transplantes da Sociedade Latino-Americana de Transplantes, em conjunto com o Congresso Brasileiro de Transplantes, dá uma dimensão muito maior ao congresso da ABTO. Teremos a presença de representantes da Sociedade Internacional de Transplantes, da Sociedade Americana de Transplantes e de várias sociedades européias e latino-americanas. São esperados mais de 20 convidados internacionais, 1.200 congressistas, sendo mais de 300 do exterior. Recebemos cerca de 800 trabalhos, teremos mais de 15 sessões científicas por dia, várias sessões para discutir a logística do processo de doação e transplante e a abertura da nossa campanha anual de doação de órgãos. Esse será, sem dúvida, o maior evento da área de transplantes já ocorrido no Brasil.

P. H. - Qual a importância do Fórum da Associação Brasileira de Histocompatibilidade?

Dra. Maria Cristina - A Associação Brasileira de Histocompatibilidade é parceira há vários anos do congresso da ABTO. Essa ligação é de extrema importância, pois o vínculo entre essas duas subespecialidades colabora na compreensão dos processos que levam à rejeição ou à aceitação de órgãos e tecidos. Transplantadores trabalham frequentemente muito próximos aos especialistas

da histocompatibilidade para aprimorar o resultado clínico do transplante e desenvolver pesquisa científica na área.

P. H. - *Os congressistas poderão concorrer a vários prêmios. Qual a importância desses prêmios para os especialistas?*

Dra. Maria Cristina - São estímulos importantes à produção científica nacional. Conhecemos as dificuldades para realizar pesquisa no Brasil e precisamos criar incentivos aos jovens pesquisadores. O transplante tem se revelado rico em produção científica no país, apesar dos baixos salários das instituições universitárias, das dificuldades para se conseguir bolsas e recursos e para se importar o material necessário. Apesar disso, um número significativo de pesquisadores mantém-se firme e produzindo, e isso deve ser motivo de orgulho e incentivo permanente por parte da nossa sociedade. Penso que devemos inclusive aumentar o número de prêmios e de bolsas de estudo, favorecendo assim a maior inclusão da pesquisa brasileira no cenário científico internacional. Neste ano, teremos prêmios oferecidos em parceria com a Janssen-Cilag, com a Novartis e com a Fundação do Fígado.

Os prêmios nos permitem também prestar homenagem permanente a alguns dos pioneiros do transplante no Brasil, como os professores Emil Sabbaga e Silvano Raia.

P. H. - *Qual a importância do projeto de cooperação científica entre a ABTO e a Société Francophone de Transplantation?*

Dra. Maria Cristina - Cabe, a meu ver, à ABTO estimular a criação de várias bolsas de estudo para jovens brasileiros fora do país. Espero que essa seja somente a primeira de muitas que virão. A ligação dos transplantadores brasileiros com a França é antiga. Muitos brasileiros que hoje desempenham importantes funções na nossa sociedade foram formados nessa área na França, um dos berços do transplante no mundo. Serão duas bolsas por ano, oferecidas pela parceria com a Genzyme, uma para atividades clínico-cirúrgicas, outra para atividades de laboratório.

P. H. - *No que consiste o Projeto RBT 10 anos?*

Dra. Maria Cristina - O Registro Brasileiro de Transplantes da ABTO registra de forma sistematizada, desde 1995, os dados sobre os números de doações e de transplantes realizados no Brasil. Com o intuito de comemorar os dez anos desse registro, optamos por elaborar um número especial do RBT que consolidasse toda a atividade ocorrida entre 1995 e 2004 (com mais de 40 mil transplantes cadastrados). Essa publicação, em conjunto com a edição especial do ABTO News, e com o I Simpósio Avançado de Imunossupressão da ABTO, fez parte das comemorações dos 20 anos da sociedade realizadas em dezembro de 2006. Numa segunda fase, o Projeto RBT 10 anos pretende analisar e publicar o resultado de sobrevivência dos transplantes de órgãos sólidos realizados nesse período.

P. H. - *Quais os destaques da programação científica?*

Dra. Maria Cristina - O congresso abordará os principais avanços e desafios na área, tanto os relacionados aos aspectos clínico-cirúrgicos, como os de caráter imunológico, ético e logístico. As sessões plenárias apresentarão os registros mundiais de transplante, os aspectos imunobiológicos, os avanços nas técnicas cirúrgicas, os desafios relativos aos diferentes tipos de doador e as inovações no cuidado dos receptores. Em mais de oito sessões científicas concomitantes, os especialistas de cada área se reunirão para aprofundar as discussões.

P. H. - *É possível fazer um panorama do transplante de órgãos e tecidos no Brasil nos últimos anos?*

Dra. Maria Cristina - O Brasil tem o maior sistema público de transplantes do mundo ocidental, realiza um número muito expressivo de transplantes, mas que representa menos de 25% da lista de espera, que hoje alcança 68 mil pacientes. Temos um número suficiente de hospitais e equipes, ainda que mal distribuídos no país

uma legislação avançada, critérios bastante adequados e transparentes de distribuição de órgãos. Mas falta-nos o fundamental, um maior número de doadores, e sem doador, não há transplante.

P. H. - *Quais têm sido as maiores conquistas da ABTO nos últimos anos?*

Dra. Maria Cristina - A ABTO cresceu muito nos últimos anos: somos cerca de 1.000 associados, reunimos vários profissionais ligados ao processo de doação de transplante. Esses associados são representados por mais de 60 transplantadores eleitos por voto direto, de todas as regiões do país, que constituem a diretoria, o conselho e os departamentos da ABTO. Praticamente todas as áreas da nossa atuação estão representadas, permitindo assim uma participação mais ampla da comunidade transplantadora. Muitos são chamados a cooperar, a participar de projetos e uma sociedade vive e ganha força através de seus diferentes projetos. Apesar das diferenças de opinião, temos hoje uma sociedade cada vez mais unida, e é essa união em torno de projetos de interesse comum, a meu ver, que garantirá sempre a importância e a força da ABTO.

P. H. - *Quais as principais dificuldades enfrentadas pelos transplantadores brasileiros?*

Dra. Maria Cristina - Para os que já trabalham na área, a principal dificuldade é a falta de doadores. É muito difícil acompanhar a longa espera de nossos pacientes por um doador, que nem sempre chega em tempo. Saber que podemos salvar e melhorar a vida de muitos pacientes com o transplante, mas que o doador chega para poucos é a parte mais dura. Outra dificuldade é garantir um bom atendimento médico aos já transplantados, com disponibilidade de bons medicamentos e recursos para tratamento de complicações clínicas, por toda a vida. Para os que pretendem trabalhar na área, é importante saber que muitos hospitais se recusam a realizar transplantes, em função da baixa remuneração e do alto custo do procedimento, que as operadoras

de seguro-saúde não cobrem a maioria dos procedimentos, deixando ao SUS o custeio de mais de 90% do programa, que nem todos os hospitais trabalham pela doação de órgãos e que a atividade de transplante, de pesquisa e universitária precisa ser dividida com outras, nem sempre ligadas ao transplante, para garantir a adequada subsistência dos profissionais.

P. H. - Por que as taxas de doações de órgãos ainda não são as desejáveis?

Dra. Maria Cristina - Apesar de termos um grande programa de transplantes no país, ainda não temos um grande programa de doação que estimule e dê condições aos grandes hospitais para realizar a detecção e o diagnóstico de morte encefálica, aumentar a taxa de notificação de potenciais doadores, com conseqüente aumento dos doadores efetivos. Faltam leitos de UTI para cuidar adequadamente desses doadores, faltam recursos técnicos, humanos e financeiros para as Centrais Estaduais de Transplantes. Falta também transformar hospitais que já são transplantadores em grandes centros de captação.

P. H. - As maiores taxas de doação estão no Sul do país, enquanto as piores no Norte. A que se deve essa diferença?

Dra. Maria Cristina - Essa é uma prova de que a principal causa da falta de doadores é a inexistência de logística e de incentivo à doação. Estados com mais recursos, com mais organização do sistema, apresentam níveis de captação semelhantes aos dos EUA. Outros Estados ainda têm muito que melhorar, o que obriga seus pacientes a migrar para Estados onde a captação está mais organizada.

P. H. - O que representa para o Brasil ser considerado o segundo país do mundo em número absoluto de transplantes?

Dra. Maria Cristina - Significa que apesar dos poucos recursos destinados à saúde, temos as condições mínimas de hospitais, equipes, medicamentos para fazer um número expressivo de procedimentos. Significa também que com mais



Fonte: RBT 10 anos - ABTO.

recursos e doadores podemos alterar a grave situação atual de grande acúmulo de pacientes em lista. Significa que a nossa população é generosa e colabora com o programa. Significa, enfim, que temos condições mínimas para sair dessa crise, e que falta pouco para isso.

P. H. - A taxa de remoção de órgãos múltiplos no último ano foi um saldo positivo?

Dra. Maria Cristina - Sim, observamos que a retirada de múltiplos órgãos de um mesmo doador tem aumentado no país, o que significa que nossas equipes de fígado, coração e pulmão têm trabalhado de maneira cada vez mais organizada, aproveitando da melhor maneira possível os poucos doadores que temos. Pode significar também que o cuidado ao doador está melhorando, pelo menos em alguns centros.

P. H. - Que ações a ABTO tem empregado na atualização dos especialistas?

Dra. Maria Cristina - Nosso congresso, o Jornal Brasileiro de Transplantes, o apoio a inúmeras atividades científicas realizadas por todo o país, os cursos de formação de coordenadores intra-hospitalares, e publicações variadas da nossa sociedade, como por exemplo, o Projeto Diretrizes de Utilização de Doadores Limitrofes, que está sendo elaborado, contribuem constantemente para essa atualização.

P. H. - Quais projetos a ABTO tem pleiteado junto ao Ministério da Saúde?

Dra. Maria Cristina - A ABTO tem ao longo dos anos se colocado sempre à disposição do Ministério da Saúde, para a

união de esforços nas campanhas de doação de órgãos, na análise mais profunda dos dados sobre os transplantes realizados no país, na elaboração de diretrizes, regulamentos e portarias que permitam o avanço dessa área tão importante para a sociedade.

P. H. - Qual sua expectativa em relação ao futuro do transplante de órgãos e tecidos no Brasil?

Dra. Maria Cristina - A queda do número de doadores é uma grande preocupação, mas acredito que medidas simples de ordem governamental poderiam reverter essa situação e continuaremos trabalhando para isso.

P. H. - Gostaria de ressaltar mais algum assunto?

Dra. Maria Cristina - É importante salientar que a doação é um processo que sai da sociedade e volta para a sociedade. Cada vez mais precisaremos de transplantes de órgãos. Cabe a cada cidadão se envolver nessa batalha, que é de todos nós. ♦

ABTO 2007

X Congresso Brasileiro de Transplantes
XIX Congreso de la Sociedad de Transplantes
de América Latina y el Caribe
VI Congresso Luso-Brasileiro de Transplantes
Fórum de Histocompatibilidade da ABH
IX Encontro de Enfermagem em Transplante



Florianópolis - SC - Brasil
2 a 5 de setembro de 2007

Informações:
Meeting Eventos (11) 3849-0379
ou na homepage do
Congresso da ABTO:
www.congressoabto.org.br